FORMAÇÃO EM MOVIMENTO
REVISTA DA ANFOPE – ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

HOMENAGEM

FELISBERTA TRINDADE presente!

Maria Felisberta Baptista da Trindade (02/09/1930 - 13/11/2021)

Formação em Movimento, a revista da ANFOPE, presta essa singela e merecida homenagem à professora ***Maria Felisberta Baptista da Trindade***, reunindo neste *Memorial* alguns textos de amigos e companheiros, assim como notas de entidades, e notícias divulgadas na mídia.

Nesta homenagem, destacamos a militância e o engajamento, que caracterizaram não só a trajetória profissional de Felisberta, mas toda a sua vida, coerente politicamente, uma mulher sempre generosa e verdadeira, e muito, muito bem-humorada. Conviver com essa EDUCADORA foi um privilégio e um grande aprendizado, e os que tiveram essa oportunidade, como eu, jamais a esquecerão.

Felis foi a grande responsável, junto com um coletivo de anfopeanos fluminenses, pelo fortalecimento e consolidação da ANFOPE no RJ, quando ocupava a coordenação regional Sudeste da ANFOPE, sempre animando o grupo e participando ativamente de reuniões e encontros regionais e estaduais, em que o debate sobre as políticas de formação e valorização dos profissionais da educação, nos formavam como educadores e militantes. Nestes tempos tão sombrios seu exemplo nos fortalece e ensina que lutar é preciso, sempre.

https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i3n7.1063-1087

Seu legado tem a marca da defesa intransigente da democracia, não no plano do discurso ou das narrativas, mas da prática educativa e política, em sua materialidade, nas instituições e entidades por que passou: a gestão democrática. Da mesma forma seu legado permanece por sua contribuição na formação de centenas e centenas de estudantes – hoje professores –, que, certamente, continuarão ensinando suas lições de coerência e compromisso social, político e pedagógico com a educação pública. Felisberta 'pensava certo' no sentido freireano.

Felisberta Trindade foi uma educadora militante, uma guerreira sempre combativa em defesa da escola pública, da gestão pública e democrática da educação, da formação e da valorização dos profissionais da educação, dos direitos das mulheres, dos direitos humanos e sociais, em especial do direito à educação, e da democracia.

Temos saudades, mas seu legado fica, sua memória vive!

Felisberta Trindade, presente!

Lucília Augusta Lino

Editora de Formação em Movimento
Diretora de Articulação Institucional da ANFOPE

NOTA DE PESAR da ANFOPE pela perda de Felisberta Trindade

A diretoria da ANFOPE manifesta seu profundo pesar pelo falecimento da professora Maria Felisberta Baptista da Trindade, grande militante em defesa da democracia e da educação pública, que merece todas as nossas homenagens e eterna gratidão!

Filiada a ANFOPE desde 1991, foi coordenadora da regional Sudeste por quatro mandatos - entre 1996 e 2002 e novamente em 2008-2010 -, contribuindo para o fortalecimento e a consolidação da Anfope na região, e mais especificamente, no estado do Rio de Janeiro.

Feliz, como era chamada pelos amigos, foi militante política desde o movimento secundarista, no final da década de 1940, quando era integrante do Partido Comunista Brasileiro, se destacando na organização do movimento de mulheres. Durante a ditadura militar persistiu na militância em defesa da democracia, e já nos anos 1980, nas lutas das Associações de Orientadores e Supervisores Educacionais, em âmbito nacional, e no movimento docente sindical e anfopiano.

Felisberta Trindade era Professora Emérita da UFF, onde ingressou em 1985, e foi diretora da Faculdade de Educação, de 1992 a 1995. Desempenhou funções importantes no sistema educacional de Niterói, como Secretária Municipal de Educação, Presidente da Fundação Municipal de Educação e Presidente do Conselho

Municipal de Ciência e Tecnologia de Niterói, e ainda atuava como membro titular do Conselho Municipal de Educação de Niterói. Foi agraciada com a Medalha Tiradentes, pela Assembleia Legislativa do RJ, em 1997, e com o título de "Personalidade Educacional", em 2004, pela Associação Brasileira de Educação, Associação Brasileira de Imprensa e Jornal Folha Dirigida.

Sempre em atividade, era constante em atos públicos e manifestações políticas, como a realizada em Niterói em homenagem ao Centenário de Paulo Freire, no último dia 19 de setembro.

Seu exemplo de luta e coerência nos serve de alento nestes tempos tão difíceis de desmonte e retrocesso. Em defesa da democracia, da educação pública e da formação e valorização dos profissionais da educação.

Felisberta Trindade, sempre presente!

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação

Maria Felisberta: um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta

Waldeck Carneiro*

Quando compôs "Maria, Maria", Milton Nascimento não sabia que acabara de criar um verdadeiro hino à trajetória da professora Maria Felisberta Baptista da Trindade (1930-2021). Afinal, o dom de educar e de lutar pelas boas causas, a magia de agregar pessoas em torno dela e de suas lutas e a força para seguir avançando mesmo face a adversidades sintetizam essa educadora amorosa, crítica e libertária, da mesma linhagem de Paulo Freire, não por acaso mas por história, sua principal referência.

Ainda na adolescência, como líder estudantil no Colégio Pedro II, Felisberta protagonizou atos de protesto contra o flerte do Estado Novo varguista com os países do Eixo. Afinal, a hipótese da aliança do Brasil com o nazifascismo, no contexto da 2ª Guerra Mundial, era absolutamente incompatível com os valores democráticos e humanistas que já se consolidavam na jovem Maria Felisberta.

Preocupada com seu precoce e acentuado envolvimento na luta política, sob um regime autoritário, sua família decidiu transferi-la para outra escola pública, o Liceu Nilo Peçanha, em Niterói. Mas dom é dom: Felisberta logo assumiu papel protagonista no movimento estudantil naquela que é, até hoje, a mais tradicional escola pública da antiga capital da Velha Província, celeiro de grandes lideranças estudantis e políticas, há muitas gerações. Em outras palavras, a disposição de Felisberta para as lutas democráticas era aquilo que o compositor chamou de dom: para lutar por democracia, justiça e igualdade!

Na sua trajetória política, Felisberta participou organicamente da construção do Partido Comunista Brasileiro, que atuava na clandestinidade, ajudando a viabilizar grandes movimentos e liderando muitas lutas, em Niterói e no antigo Estado do Rio de Janeiro: a campanha pela nacionalização do petróleo, a fundação da primeira entidade feminista de Niterói, a resistência à ditadura civil-militar a partir de 1964. A corajosa resistência à ditadura causou-lhe danos enormes: viveu clandestinamente, reclusa, para fugir da dura perseguição que sofria do arbítrio; foi obrigada a se afastar de seu companheiro, por longo período, pois ele também precisou "cair no mundo" para escapar das perseguições de que também foi vítima durante a ditadura; não conseguiu assumir o emprego público que conquistara, pois não tinha o "atestado ideológico" exigido, que ela nunca quis assinar, pois isso seria uma forma de abjuração ideológica imposta pelo regime de força. Tudo isso ela teve que enfrentar, cuidando sozinha de quatro filhos. Além do dom, muita força!

Travei contato direto com Felisberta, pela primeira vez, no ano de 1990, quando passei a compor, aos 25 anos, o corpo docente da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde ela ingressara como professora cinco anos antes. Não chegou naquela universidade como ilustre desconhecida: já era mestre em educação pela própria UFF (1978); tinha coordenado emblemática experiência de gestão democrática da escola pública, em plena ditadura, quando liderou o autogoverno no Instituto de Educação Clélia Nanci (escola estadual de São Gonçalo), tema de sua dissertação de mestrado; e ainda comandava outra expressiva dinâmica de gestão democrática no Ginásio Polivalente Paulo Assis Ribeiro (escola estadual de Niterói), onde consolidou o princípio da gestão colegiada, com participação de professores, estudantes e demais profissionais da escola em conselhos, desde o nível da classe até o nível da direção da escola. Seu dom de educar e de praticar a gestão democrática da educação já era então muito conhecido na rede estadual de educação do Rio de Janeiro, quando ingressou na UFF como professora.

Após breve e valiosa passagem pelo Instituto de Arte e Comunicação Social, fixei-me como professor da Faculdade de Educação (FEUFF), minha *alma mater*. Desde logo, percebi que Felisberta, que então iniciava seu percurso como coordenadora do curso de Pedagogia da UFF, era dotada de "certa magia" para agregar professores, estudantes e servidores técnico-administrativos em torno do trabalho que liderava. Eram tempos desafiadores, pois os cursos de Pedagogia no Brasil passavam por uma crise epistemológica naquele período, o que suscitava reflexões densas, debates acalorados e mudanças curriculares ousadas, como aquela que Felisberta coordenou na FEUFF, no biênio 1992/1993. Eu, recém-eleito como membro do Colegiado da Faculdade, participava e acompanhava os debates, admirando a capacidade das talentosas educadoras que nos referenciavam naquele processo: Nilda Alves, Clarice Nunes e Maria Felisberta Trindade. Mas Felisberta se destacava por uma característica marcante: embora tivesse firmeza de posição,

sempre defendia suas teses com amorosidade e paixão, vale dizer, se entregava de corpo e alma aos debates e jamais agia com sectarismo em face de quem dela divergia. Ao contrário, buscava trazer para perto dela as posições divergentes, explorando os aspectos confluentes que se manifestavam na diferença - dialética e pura magia!

Com sua assinatura protagonista, o novo currículo do curso de Pedagogia da FEUFF, em Niterói, se tornou, em breve tempo, uma referência nacional, assim como o currículo do então recém-criado (1992) curso de Pedagogia da FEUFF em Angra dos Reis, movimento que Felisberta também ajudou a construir, sob a liderança de Nilda Alves e Regina Leite Garcia. No interior da Faculdade, Felisberta se projetou então para novos voos e desafios. Naquele processo, também chamou atenção a aposta que Felisberta fez em uma jovem professora, que chegara na FEUFF há pouco tempo, proveniente do Amazonas, para que assumisse a vice-coordenação do Curso de Pedagogia, trabalhando ao seu lado. A aposta não foi em vão: Gelta Xavier deu substantiva contribuição ao processo de reformulação do curso e, na sequência, se destacou nos estudos sobre currículo e, também, como liderança sindical docente na UFF. Aquela aposta feita por Felisberta era mais um traço distintivo de sua personalidade: era uma mulher generosa, puxava para cima quem estivesse construindo as lutas com ela, o que acabou acontecendo comigo, como veremos mais adiante.

Em 1995, Felisberta assumiu, após consagradora eleição, a Direção da Faculdade de Educação da UFF, passando a representar a FEUFF no Fórum Nacional de Diretores de Faculdades de Educação das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR), no Conselho Municipal de Educação de Niterói e no Conselho Universitário da própria UFF. Participava também, cada vez mais intensamente, da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), tornando-se referência, no Rio de Janeiro, no debate sobre as políticas de formação de profissionais da educação. Lembro que cantamos juntos a Internacional Socialista, no restaurante Tio Cotó, em Niterói, logo após a sua posse, no Auditório Florestan Fernandes da FEUFF, em 1995. Entoamos juntos novamente o hino da classe trabalhadora e da luta pelo socialismo, no ano seguinte, no restaurante Jambeiro, em Niterói, na ilustre presença de Paulo Freire, após a simbólica solenidade de concessão do título de *Doutor Honoris Causa*, a mais elevada dignidade universitária, outorgada pela UFF, por iniciativa de Felisberta, ao mais importante pensador da educação brasileira.

Felisberta ainda teve força e fôlego para ajudar a deflagrar, na UFF, em 1998, o processo estatuínte, que tinha como objetivo viabilizar a elaboração, de modo participativo, do novo estatuto da UFF, a fim de substituir o que estava em vigor, entulho institucional herdado do regime ditatorial. Felisberta foi eleita para a

Assembleia Estatuínte Universitária, que, pouco a pouco, foi perdendo força, concluindo seus trabalhos graças ao denodo de, no máximo, uma dúzia de membros daquela Assembleia, que levaram seu trabalho até o final. Entre eles, lá estava Felisberta, que figurava não apenas entre os que perseveraram, mas também como uma das lideranças daquele árduo e valoroso trabalho, que a duras penas foi concluído e encaminhado à apreciação do Conselho Universitário. Pude constatar a densidade daquela produção, que tinha claramente as digitais da Felisberta, pois integrei a Comissão de Sistematização do novo Estatuto, no âmbito do Conselho Universitário da UFF, na qualidade de relator.

Naquele período, algo interessante me marcou na nossa relação: organizei o livro "Formação dos profissionais da educação: o novo contexto legal e os labirintos do real" (Niterói, EDUFF, 1998), uma das primeiras coletâneas a analisar os impactos da então recente LDB sobre a formação dos profissionais da educação. Convidei Felisberta para escrever um capítulo, sem saber que aquela seria a sua primeira publicação em livro. Sua alegria e emoção da estreia, aos 68 anos, como autora de um capítulo de livro, foram traduzidas por uma tocante dedicatória que ela fez em meu exemplar. Em suas delicadas palavras, além de me agradecer pela oportunidade - quando, a rigor, o privilégio era meu, por tê-la como coautora da obra -, Felisberta lembrou de Cora Coralina, goiana como seu pai, poetisa que ela adorava, que publicou seu primeiro livro de poesias aos 76 anos: "como gosto da vida, julgo que ainda terei tempo", escreveu Felisberta, alertando que ainda tinha força para publicar mais trabalhos em livros, o que de fato ocorreu.

Alguns anos depois, quando da sucessão de Felisberta na direção da FEUFF, recebi seu apoio entusiasmado, o que foi indispensável à minha vitória naquela eleição. Mais uma vez, com generosidade, Felisberta fez uma aposta: entendeu que o professor mais jovem da FEUFF poderia assumir a direção daquela unidade acadêmica. Mais do que uma aposta de sua parte, foi um ato freireano de esperançar, o que me causou muito orgulho, mas também profunda sensação de responsabilidade, pois me vi na circunstância de suceder a mais genuína defensora da escola pública em Niterói.

Mais tarde, voltamos a trabalhar juntos: eu era conselheiro municipal de educação em Niterói, presidido por Felisberta, que exercia a presidência daquele órgão colegiado por ser a Secretária de Educação do município. Desenvolvemos várias ações estruturantes no Conselho Municipal e iniciamos o planejamento da primeira Conferência Municipal de Educação de Niterói, que viria a aprovar o I Plano Municipal de Educação da Cidade. Acabei sucedendo Felisberta também na Secretaria Municipal de Educação de Niterói, continuando, completando ou aprimorando várias iniciativas por ela impulsionadas, inclusive a realização da aludida conferência, que teve lugar em 2007.

Felisberta tentou ser deputada e vereadora. No primeiro caso, em 1954, ainda jovem, não logrou êxito, embora tenha feito uma campanha militante, combativa e propositiva. No segundo caso, em 1982, foi expressivamente votada, mas uma apuração eleitoral conturbada, muito provavelmente desprovida de licitude, custou-lhe a vitória naquele pleito. Felisberta foi suplente e perdeu a possibilidade de exercer o mandato parlamentar, mas a cidadania niteroiense perdeu muito mais: a chance de ter um verdadeiro vulto da educação pública em atuação no Plenário Brígido Tinoco da Câmara Municipal de Niterói. Mesmo sem mandato, sua representatividade popular, sobretudo na área de educação, era autêntica: sempre consultada, ouvida e respeitada. Muito tempo depois, tive a ousadia de tentar exercer, também em seu nome, os três mandatos de vereador que conquistei em Niterói, missão que ainda sigo tentando cumprir, hoje no exercício do segundo mandato como deputado na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Travamos juntos lutas inesquecíveis em defesa do direito à educação, da escola pública e da valorização dos profissionais da educação. Combatemos na mesma trincheira em várias campanhas eleitorais, no enfrentamento ao neoliberalismo, na peleja contra o golpe de Estado de 2016 e no combate ao fascismo tupiniquim e ao ultraliberalismo, esse monstro de duas cabeças que ainda precisamos derrotar no Brasil contemporâneo.

No dia 19 de setembro de 2021, poucas semanas antes de morrer, Felisberta participou, aos 91 anos, de seu último ato público, no Campo de São Bento, em Niterói. Por minha iniciativa, realizamos, naquela data precisa do centenário de nascimento de Paulo Freire, um ato em homenagem ao autor da "Pedagogia do oprimido". Convidei Felisberta, que compareceu e encantou o público presente, relendo o discurso que pronunciara, 25 anos antes, no Cinema da UFF, quando da concessão do título de *Doutor Honoris Causa* a Paulo Freire. Felisberta reluzia de felicidade por participar daquela atividade, que acabou se tornando sua despedida pública. Posso afirmar, com base em quase trinta anos de convivência, parceria, companheirismo e amizade, que Maria Felisberta Baptista da Trindade é verdadeira lenda e legenda da educação pública brasileira!

Alguém já disse, em alusão à Felisberta, que "Felis se escreve com s". Sim, este era o apelido carinhoso pelo qual muitos a chamavam, uma espécie de trocadilho monovocabular: "Felis" decorre de seu nome Felisberta, é claro, mas também restitui a felicidade, a alegria, o alto astral, alguns dos traços que definiam essa mulher, que tinha "manha, graça e sonho sempre" e, além disso, "a estranha mania de ter fé na vida".

* **Waldeck Carneiro** é professor da UFF e Deputado Estadual - PT/RJ.

Maria Felisberta Baptista da Trindade, presente ontem, hoje, sempre!

José Luiz Cordeiro Antunes*

Meu convívio com Felis (como gostava de ser chamada) é anterior a UFF. Conheci Maria Felisberta nos idos dos anos 80. Suas andanças pela Educação e a Política, vinha desde o seu envolvimento com o Movimento Secundarista, na participação da Campanha do Petróleo é Nosso nos anos 50, como também teve presença marcante no Movimento Feminista e no Partido Comunista Brasileiro. sendo perseguida pela Ditadura Militar. No entanto o que mais me chamou a atenção foi a proposta formulada nos anos 70 – nos anos de chumbo que acometeu nosso país, tendo em vista a proposta de autogestão na educação, com a participação de estudantes, docentes e funcionários no Ginásio Polivalente Paulo Assis Ribeiro que mais tarde vinha se tornar a sua reflexão no Mestrado em Educação. A proposta de Felis trazia pressupostos tanto da Pedagogia Libertadora, como da Pedagogia Libertária. E foi assim que galgou diferentes cargos e homenagens na gestão educacional. Chegou a ser Secretária Municipal de Educação e Cultura de Niterói (2002), Secretária Municipal de Educação e Presidente da Fundação Municipal de Educação (2003-2004), Coordenadora Geral de Planejamento e Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia e Membro Titular do Conselho Municipal de Educação (2005-2008, retornando em 2013). Em 2015 é outorgado para Maria Felisberta a ordem do Mérito da Cidade de Niterói, no grau de Comendador. Na UFF recebeu o título de Professora Emérita.

Felis como Pedagoga, tinha também uma relação muito forte com a área Trabalho-Educação, discussão que sabia conduzir muito bem, como especialista em orientação educacional e que fez com que nos encontrássemos na AOERJ – Associação dos Orientadores Educacionais do Rio de Janeiro e da ASSERJ – Associação dos Supervisores Educacionais do Rio de Janeiro, chegando nos anos 90 a defender a unificação dessas associações ao SEPE/RJ.

Na Faculdade de Educação da UFF Felisberta foi membro integrante de minha Banca de Concurso para a área de Orientação Educacional em 1989. Em 1991 nos encontramos como companheiros de luta diante da Formulação da Proposta Curricular para o Curso de Pedagogia em Angra dos Reis, na gestão da Profa. Nilda Alves. Mais adiante, como coordenadora do Curso de Pedagogia em Niterói levou a cabo junto com Gelta Xavier, a Reformulação do Curso de Pedagogia em Niterói. Mais tarde, Maria Felisberta por sua competência técnica e seu compromisso político é eleita diretora da Faculdade de Educação da UFF. Mais além de nossa convivência acadêmica, muitos foram os movimentos em luta pela Educação Pública - de qualidade e socialmente referenciada; e pela formação dos trabalhadores da Educação. Assim nos encontramos na ANFOPE – Associação Nacional pela Formação

dos Profissionais da Educação. Dividimos a direção estadual no Rio de Janeiro e na Região Sudeste da entidade de luta.

Maria Felisberta era a amorosidade personificada. Seu sorriso e sua gargalhada sempre nos fortaleceram para a luta política cotidiana. Não tinha tempo ruim para ela. Tinha uma vontade de viver que nos contagiava. Sabia ser séria e rígida quando se fazia necessário, nas horas corretas. Nunca nos desqualificou. Sua crítica amorosa nos fazia repensar nossas ações. Como verdadeiros ensinantes-aprendentes, em nossas diferentes redes íamos nos constituindo enquanto cidadãos, professores-pesquisadores e sujeitos políticos. Foram inúmeras aprendizagens e/ou aprendizados que recebermos de Felis. Sua vontade de compartilhar, por sua generosidade, traduzia o ser humano de altíssima qualidade que era. Muitas são as histórias e lembranças que podemos trazer de Felisberta. Teve uma bela trajetória de vida, plena de sentidos como: mulher, mãe, professora, pesquisadora, cidadã. Uma intelectual orgânica no campo da educação em Niterói, no Rio de Janeiro e do Brasil. Uma resistência constante em todos os períodos de desmandos.

Para quem quiser conhecer mais um pouco dessa mulher-educadora, não deixem de assistir "Felisberta – Uma mulher de luta" ou "Pulando a cerca com Maria Felisberta", ambos no Youtube. De fato, outras memórias de companheiros/as farão parte dessa homenagem tão justa e importante.

Que possamos continuar a ESPERANÇAR com Felis e muitos outros/as pela educação pública, pela construção de uma democracia econômica, social, política. VIVA FELISBERTA!

* **José Luiz Cordeiro Antunes** é professor aposentado da Faculdade de Educação da UFF; membro do Neddate – Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho-Educação, e editor da Revista *Trabalho Necessário* – Neddate/PPG-Ed/UFF.

Para sempre, professora Felisberta

Luiza Sassi*

Tive a sorte de ter sido sua aluna e, recentemente, a honra de compartilhar sua companhia no Conselho Municipal de Educação (CME). Em todas as oportunidades procurava estar por perto para observá-la e ouvi-la porque não havia encontro que não se destinasse a uma aula pública do que significa SER um educador.

Aprendi muito cedo que para ser um educador é importante compreender que não se ensina só com palavras, mas sobretudo com exemplos e atitudes. E estar com a Professora Felisberta era uma oportunidade para que se compreendesse que a ética e a coerência interna com as atitudes concretas da vida são aspectos inegociáveis.

Professora Felisberta era um exemplo de coerência com seus princípios de luta por uma escola pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Participou durante toda a sua vida, de modo ativo de movimentos históricos da educação brasileira. Possuía características valiosas, inteligente, gentil, amorosa, generosa, e muito educada.

Niterói perde muito com sua despedida. Era um símbolo vivo da possibilidade de diálogo sem polarização, baseado no argumento das ideias, promotora do convencimento pelas palavras, sendo sempre comprometida com seus princípios e suas posições políticas. Ela sempre nos ensinou que EDUCAÇÃO É POLÍTICA. Sim! Educação é política! Não esse arremedo de algumas brigas políticas partidárias que se evidencia por lutas pessoais de poder, em que ninguém escuta e defende ideias. Ela defendia a relação dialógica de disputa por um único objetivo – garantir a todos uma educação de qualidade. Porque política nesse sentido é o exercício de educar para a cidadania, com a possibilidade de se pensar na coletividade, porque ela sabia que enquanto não fosse bom para todos, não seria bom para ninguém.

Professora Felisberta nos ensinou de modo muito particular e ao mesmo tempo com muita beleza como convencer com as palavras bem-ditas e quais caminhos devemos seguir para avançar na educação e garanti-la aos cidadãos brasileiros de modo equânime e na promoção da justiça social.

A Professora se foi, mas seus ensinamentos precisam ser perpetuados entre nós, pelo qual tanto lutou de modo simbólico e, também, de modo concreto, por isso deixo aqui uma sugestão para os representantes da cidade de Niterói. Escolham um lugar bem bonito, público e de preferência numa praça. Criem uma Ágora, um espaço considerado o símbolo da democracia, onde todos os cidadãos possam trocar ideias, dialogar e ter voz. Professora Felisberta era assim. Nunca a encontrei fora dos espaços colegiados, aulas e reuniões, sempre participando de modo emblemático e carismático. Desse modo concretizaremos a lembrança do seu legado que tanto contribuiu para a cidade de Niterói.

Eterno respeito pelo seu caminhar na vida!

Eterna Professora Felisberta, entre nós!

* **Luiza Sassi** é Conselheira do CME e Pedagoga da FME – Niterói; Diretora Geral do Colégio GayLussac e Diretora Educacional Cognita Brasil.

Texto publicado originalmente em 15 novembro de 2021 em *A seguir Niterói*

Disponível em: https://aseguirniteroi.com.br/noticias/homenagem-para-sempre-professora-felisberta Acesso 15 nov 2021.

Nota da Diretoria da Aduff lamenta falecimento e presta homenagem à professora Maria Felisberta Baptista Trindade

Com muito pesar, a Diretoria da Associação dos Docentes da UFF (Aduff) recebeu a notícia do falecimento, neste sábado, 13 de novembro de 2021, da professora Maria Felisberta Baptista Trindade, aos 91 anos.

Felisberta, como é lembrada por seus parentes, amigos e muitos admiradores, foi professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Pedagogia, também ensinou língua portuguesa, na educação fundamental.

Exerceu, em Niterói, os cargos de Coordenadora-Geral de Planejamento, Secretária Municipal de Educação e Cultura, Presidente da Fundação Municipal de Educação, Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia e Membro Titular do Conselho Municipal de Política para Mulheres e do Conselho Municipal de Educação.

Na UFF, foi coordenadora do curso de pedagogia, diretora da Faculdade de Educação e membro titular do Conselho Universitário.

Presente nos movimentos sociais e políticos, a professora Felisberta fundou a Associação Feminina Fluminense, seção da Federação de Mulheres do Brasil, entidade criada por militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), organização política a que ela pertenceu.

Cidadã Niteroiense por ato da Câmara Municipal, em 1991, a carioca Felisberta voltaria a ser homenageada pela cidade, onde efetivamente viveu e trabalhou, com a Ordem do Mérito Municipal, no grau de Comendadora.

Felisberta, enquanto aposentada da UFF, era do Conselho Deliberativo da Associação de Professores inativos da Universidade Federal Fluminense (ASPI-UFF), de que foi Presidente entre 2001 e 2008.

Filiada à Aduff, escreveu sua história como uma professora atuante nas lutas da classe trabalhadora, presente em todos os momentos cruciais da história moderna e contemporânea do Brasil. Sua participação política se dava sempre de forma destacada, sendo frequente nas manifestações em defesa da democracia, dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e contra todas as formas de opressão.

Uma parte de sua especial história está contida no documentário "Felisberta, Uma Mulher de Luta", exibido pela primeira vez nos pilotis do prédio da Faculdade de Educação, em 2016.

A memória de Maria Felisberta, para todas e todos que constituem a Diretoria da Aduff, é honrosa e exemplar, sob todos os aspectos, como mulher, professora, gestora pública e militante.

Todas e todos nós, nesse momento de tristeza, mas de boas e dignas lembranças, nos solidarizamos com seus familiares, amigos e colegas.

Niterói, 13 de novembro de 2021

Diretoria da Aduff - *Associação dos Docentes da UFF -Seção Sindical do Andes-SN*

NOTA de PESAR do PARTIDO DOS TRABALHADORES RJ

É com muito pesar que nos despedimos da nossa querida professora Felisberta, ex-secretária municipal de Educação e professora emérita da UFF, ativista das causas sociais, um orgulho e uma referência para todos nós. Sua jornada iluminou a luta libertária por uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Durante sua trajetória profissional e de cidadania, a professora Felisberta recebeu diversas homenagens como militante na luta pelos Direitos das Mulheres e pela defesa da Escola Pública. Foi pioneira do Partido Comunista, em Niterói, e militante das lutas sociais, por uma educação pública de qualidade, e contra o regime ditatorial do Brasil, entre 1964 e 1985. No ano de 2015, foi outorgada à Professora Maria Felisberta a Ordem do Mérito da Cidade de Niterói, no grau Comendador.

Maria Felisberta Trindade, presente!

14 de novembro de 2021 ·

⭐ Partido dos Trabalhadores RJ.

Maria Felisberta Baptista Trindade, presente!

Luciana Pucu Wollmann*

Foi no Ensino Médio que eu conheci Felisberta. Era final dos anos 1990 e eu militava no movimento estudantil niteroiense. Naquela época, a conquista pelo passe livre e a agenda de privatizações capitaneadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, mobilizava a estudantada. E o meu encontro com Felisberta se deu justamente através das companheiras e companheiros de militância, que falavam entusiasmados da educadora e militante histórica do Partido Comunista do Brasil (PCB), Maria Felisberta Baptista Trindade.

O fato é que nome de Felisberta me despertava uma sonoridade familiar. Conversando dali, perguntando daqui, soube que Felisberta era conhecida da minha família – a Pucu – família tupi-comunista-agregacionista que sempre gostou de se aproximar dos seus. Felisberta frequentava a casa dos meus tios, Maria Célia e Luis – ambos ligados ao PCB – para palestrar para uma audiência mista composta por estudantes, professores, militantes e, também, mães e donas de casa como a minha vó, Maria Alidéia, uma comunista praticante e frequentadora assídua dessas reuniões.

Em uma dessas conversas, a minha mãe, Judite Pucu, falou-me sobre o seu interesse em escrever a sua monografia do curso de História sobre mulheres comunistas. Tentando equilibrar a labuta de professora da rede estadual em três turnos, o curso de graduação na UFF e as infinitas atribuições domésticas e familiares, minha mãe começou a realizar entrevistas com as tais mulheres e uma delas, foi justamente a da Felisberta.

Em uma espécie de estágio compulsório e meio à contragosto, comecei a transcrever aquelas entrevistas realizadas por minha mãe. Histórias de casamento e maternidade, militância e clandestinidade. Histórias de mulheres que não apenas desafiaram os padrões, quebraram-nos e deram uma outra feitura a eles. E foi aí que eu tive o meu segundo encontro com Felisberta. Àquela altura, eu já tinha a ouvido falar algumas vezes em palestras e algumas atividades políticas da militância. Mas, conhecer os pormenores da sua trajetória através do relato dado à minha mãe, foi realmente potente e transformador.

Maria Felisberta veio ao mundo em 2 de setembro de 1930, um mês antes da chamada "Revolução de 1930", na cidade do Rio de Janeiro. Aos dois anos de idade, atravessou a Baía de Guanabara junto à família para residir em Niterói, onde acabou fincando raízes. Ainda pré-adolescente, Felisberta tomou parte dos protestos pela entrada no Brasil na guerra contra os nazifascistas, movimento que contou com o apoio dos comunistas que começavam a delinear a linha política da "União Nacional" para derrotar o nazifascismo[1].

Naquele momento, Felisberta era estudante do Colégio Pedro II e atuante no grêmio estudantil da escola. Pertencia também à célula comunista Genny Gleiser que funcionava naquela unidade, por mais que ainda não integrasse oficialmente aos quadros do PCB. Após ser flagrada pelo tio em uma campanha para arrecadação de fundos para o jornal comunista *Tribuna Popular,* o pai de Felisberta transferiu-a para o Colégio Liceu Nilo Peçanha, em Niterói.

Logo que chegou ao Liceu, Felisberta começou a tomar parte das atividades do grêmio estudantil. Através de Carlos Danielli[2], iniciou o cumprimento das tarefas do partido dentro da escola, atuando na célula estudantil e na Associação Fluminense de Estudantes. Naquele momento, o debate em torno da nacionalização das reservas de petróleo mobilizava a sociedade civil e o PCB – que desde maio de 1947 havia

[1] Ainda que dilacerado pela repressão que encarcerou grande parte das suas lideranças entre os anos de 1935 e 1942, o PCB tentava se reorganizar subterraneamente. Entre as principais correntes que tentavam impor a sua hegemonia dentro do partido, destacamos: os "liquidacionistas", que defendiam a dissolução do PCB e o engajamento ao lado do governo; o segundo grupo, formado principalmente por intelectuais paulistas que visavam a aliança com setores liberais para a derrubada de Vargas e do Estado Novo; e a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), grupo majoritário que pregava a reorganização do partido e a "União Nacional" junto ao governo para derrotar o nazifascismo.

[2] Carlos Danielli foi militante do PCB desde a adolescência. Ele era filho de Paschoal Elídio Danielli, operário e militante do partido que chegou a ser eleito deputado estadual em 1947. Em 1961, Carlos Danielli, é afastado do partido por manter atividades que foram classificadas como antipartidárias e divisionistas. No ano seguinte, ele e mais um grupo de ex-dirigentes do PCB, entre eles João Amazonas, Diógenes Arruda, Pedro Pomar e Lincoln Ooest, fundam o PC do B. Em 1972, Carlos Danielli foi morto sob tortura nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo.

retornado à clandestinidade[3] – esteve na dianteira dessas discussões junto a outros setores progressistas e identificados com a tônica nacionalista.

Além das conferências, reuniões e comícios em defesa do monopólio estatal do petróleo, Felisberta participou da criação da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (AMES), no ano de 1947. Enquanto militante estudantil e comunista, passou também a realizar protestos contra o aumento das passagens dos bondes ao lado de lideranças ligadas ao diretório acadêmico da Faculdade de Direito, tais como Manuel Martins, Afonso Celso Nogueira Monteiro e Manuel Jardim. Este último, além de companheiro de militância, viria a ser o seu companheiro de vida. Aos dezoito anos de idade, Felisberta casou-se com Jardim e logo deu à luz a sua primeira filha: Zélia Leocádia. O nome da primogênita foi uma homenagem à Zélia Magalhães – morta dias antes em um protesto no Rio de Janeiro contra a Lei de Segurança Nacional imposta pelo governo Dutra e à Leocádia Prestes, mãe de Luís Carlos Prestes. Junto à Jardim, Felisberta teve mais três filhos: João, Márcia e Valéria.

Depois de casada, Felisberta recebeu uma tarefa do partido: ingressar na AFF (Associação Feminina Fluminense), entidade criada em meados dos anos 1940 para lutar por pautas que mobilizavam as mulheres naquele período. Contrariada em ter que deixar o movimento estudantil para atuar junto a um grupo de mães e donas de casa, Felisberta passou a militar naquela organização, cumprindo as determinações partidárias. Com o tempo, porém, o entrosamento junto àquele coletivo feminino, fez com que aquele espaço também se tornasse significativo para aquela militante que agora também era esposa e mãe.

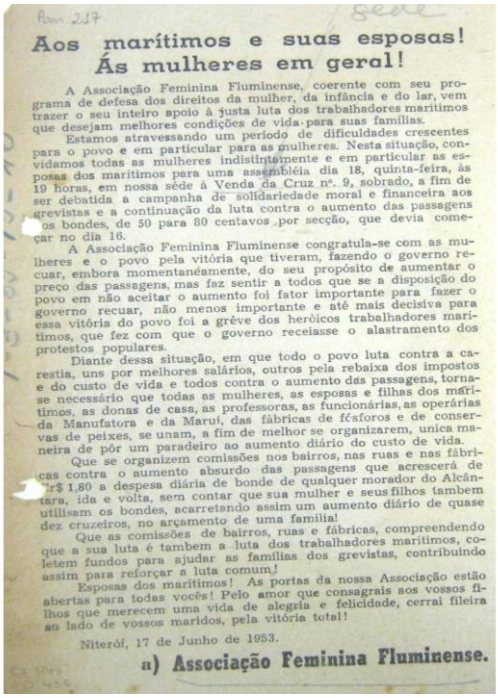
Junto à AFF, Felisberta esteve à frente de campanhas capitaneadas pelo PCB, tais como: a "Campanha pela Paz", que mobilizou a militância contra o envio de tropas para a Coreia em fins da década de 1940. Em uma clara demonstração que de havia necessidade de organizar aquela tarefa do partido com outras demandas, a AFF organizou 1ª Convenção Feminina Pró-Paz e Contra a Carestia do estado do Rio, em 1949. Segundo a própria Felisberta: "havia uma grande contradição porque ao mesmo tempo em que eu era uma revolucionária profissional, eu também era de uma associação que tinha um objetivo mais amplo que era a Associação Feminina Fluminense" (TRINDADE, 2001).

Pautando questões que permeavam demandas comunitárias, tais como a luta pelo esgoto, asfaltamento e água encanada, passando por reinvindicações comumente feitas – ainda hoje – por mulheres, como o direito à creche no local de trabalho e/ou moradia, o amparo à gestante e a lactante trabalhadora e tomando a dianteira das campanhas contra a carestia e a alta do custo de vida, a AFF representou espécie de

[3] Por força do Decreto nº 23.046 de 7 de maio de 1947, o registro do Partido Comunista foi cassado e o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950).

"desvio consentido" às orientações do Manifesto de Agosto de 1950, que pregava a derrubada imediata do governo burguês pela revolução proletária e condenava qualquer tipo de aliança com a burguesia.

Essa atuação de Felisberta junto às mulheres nas fábricas e nos bairros proletários, costurou sua candidatura à deputação estadual no ano de 1954. O partido mantinha uma linha política mais dura, mas já colhia os dividendos eleitorais da sua atuação política feita junto às fábricas, bairros, sindicatos e associações. Nas eleições estaduais daquele ano, o partido conseguiu eleger como deputado estadual o operário Irineu José de Souza e o advogado Geraldo Reis – ambos abrigados na sigla do Partido Socialista Brasileiro (PSB) – e reelegeu o advogado Afonso Celso Nogueira Monteiro para a Câmara Municipal de Niterói pela mesma sigla nas eleições de outubro de 1954. Felisberta não foi eleita, mas já se projetava como um "quadro" potencial dentro do partido pela luta dos direitos das mulheres.



Aos marítimos e suas esposas!
Ás mulheres em geral!

A Associação Feminina Fluminense, coerente com seu programa de defesa dos direitos da mulher, da infância e do lar, vem trazer o seu inteiro apoio à justa luta dos trabalhadores marítimos que desejam melhores condições de vida para suas famílias.

Estamos atravessando um período de dificuldades crescentes para o povo e em particular para as mulheres. Nesta situação, convidamos todas as mulheres indistintamente e em particular as esposas dos marítimos para uma assembléia dia 18, quinta-feira, às 19 horas, em nossa séde à Venda da Cruz nº. 9, sobrado, a fim de ser debatida a campanha de solidariedade moral e financeira aos grevistas e a continuação da luta contra o aumento das passagens dos bondes, de 50 para 80 centavos por secção, que devia começar no dia 16.

A Associação Feminina Fluminense congratula-se com as mulheres e o povo pela vitória que tiveram, fazendo o governo recuar, embora momentaneamente, do seu propósito de aumentar o preço das passagens, mas faz sentir a todos que se a disposição do povo em não aceitar o aumento foi fator importante para fazer o governo recuar, não menos importante e até mais decisiva para essa vitória do povo foi a gréve dos heróicos trabalhadores marítimos, que fez com que o governo receiasse o alastramento dos protestos populares.

Diante dessa situação, em que todo o povo luta contra a carestia, uns por melhores salários, outros pela rebaixa dos impostos e do custo de vida e todos contra o aumento das passagens, torna-se necessário que todas as mulheres, as esposas e filhas dos marítimos, as donas de casa, as professoras, as funcionárias, as operárias da Manufatora e da Maruí, das fábricas de fósforos e de conservas de peixes, se unam, a fim de melhor se organizarem, unica maneira de pôr um paradeiro ao aumento diário do custo de vida.

Que se organizem comissões nos bairros, nas ruas e nas fábricas contra o aumento absurdo das passagens que acrescerá de Cr$ 1,80 a despesa diária de bonde de qualquer morador do Alcântara, ida e volta, sem contar que sua mulher e seus filhos tambem utilisam os bondes, acarretando assim um aumento diário de quase dez cruzeiros, no arçamento de uma familia!

Que as comissões de bairros, ruas e fábricas, compreendendo que a sua luta é tambem a luta dos trabalhadores marítimos, coletem fundos para ajudar as familias dos grevistas, contribuindo assim para reforçar a luta comum!

Esposas dos marítimos! As portas da nossa Associação estão abertas para todas vocês! Pelo amor que consagrais aos vossos filhos que merecem uma vida de alegria e felicidade, cerrai fileira ao lado de vossos maridos, pela vitória total!

Niterói, 17 de Junho de 1953.

a) **Associação Feminina Fluminense.**

Fonte: APERJ. DPS. Panfletos. 1944-1960.

No ano seguinte, Felisberta integrou a delegação de mulheres brasileiras no Congresso Mundial de Mães pela Defesa da Infância, na cidade de Lausanne, na Suíça. Após o congresso, ela recebeu um convite da delegação soviética para visitar a URSS, o que fez ilegalmente, visto que o Brasil havia cortado relações diplomáticas com as repúblicas socialistas naquele contexto de Guerra Fria.

Comitê Pró-Candidatura De Maria Felisberta Jardim

EXPRESSIVA HOMENAGEM DAS MORADORAS DE HIGIENÓPOLIS À CANDIDATA POPULAR

NOVA IGUAÇU, 21 (Do correspondente) — No bairro de Heliópolis, neste município, teve lugar expressiva homenagem à senhora Maria Felisberta Jardim, candidata popular das mulheres fluminenses à Assembléia Legislativa. Iniciando a homenagem, falou a senhora Osmalina Rocha, que disse da satisfação das mulheres fluminenses em poder levar ao legislativo uma sua representante e por ser essa representante uma pessôa com as qualidades da candidata presente, comprovada lutadora pelos direitos femininos e líder da batalha contra a carestia.

PELOS DIREITOS DA MULHER

A seguir, falou a senhora Maria Felisberta que discorreu sôbre a luta do nosso povo e, particularmente das donas de casa, principais vítimas da subida de preços e dos salários de fome recebidos pelos seus maridos. Focalizou, a oradora, as soluções que julgou acertadas para a tremenda crise que atravessamos, ocasião em que fez sentir a necessidade da participação direta da mulher na vida política nacional. A seguir, fez a leitura e interpretação do ponto 16 do Programa do Partido Comunista, onde é preconizada a «abolição de tôdas as desigualdades econômicas, sociais e jurídicas que ainda pesam sôbre a mulher», e assegurado que as mulheres terão «direitos iguais aos homens em caso de herança, casamento, divórcio, profissão, cargos públicos, etc., bem como proteção especial e gratuita à maternidade e à infância».

FUNDADO UM COMITÊ

Por proposta da senhora Raimunda Aranha, foi organizado um comitê pró-candidatura Maria Felisberta Jardim, o qual ficou constituído pelas seguintes pessoas: Margarida Machado, Isolina Sousa Mônica, Benedita da Glória, Osnie Leonel Ventura, Amélia dos Santos Ventura, Geraldo Aranha, Raimunda Aranha, Antônio de Sousa Barros.

DISTRIBUIDO O PROGRAMA

Encerrando a solenidade, foram distribuídos impressos do Programa do Partido Comunista do Brasil, bem como servidos doces e refrigerantes.

POSTO ELEITORAL EM HELIÓPOLIS

Como resolução da assembléia ficou assentada a criação de um posto eleitoral pró-candidatura Maria Felisberta Jardim, em Heliópolis.

DIA 25, A INSTALAÇÃO

A Comissão Organizadora do «Comitê Pró-Candidatura de Maria Jardim e Guiomar Damasceno» esteve em nossa Sucursal a fim de comunicar à instalação do referido comitê no próximo dia 25, terça-feira, às 20 horas, no escritório central eleitoral, à Rua Aurelino Leal, 23, em Niterói.

Fonte: ***Imprensa Popular*, 22/5/1954, p. 2. BN. Hemeroteca Digital Brasileira.**

Foto de 28 de agosto de 1954.

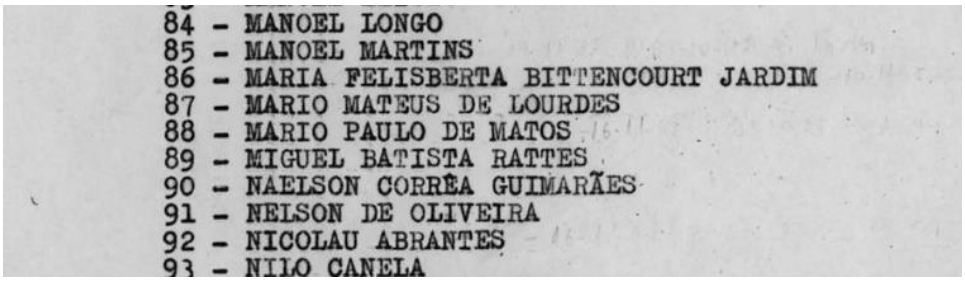
Na imagem, também se encontram: nº 2: Nelson Correa de Oliveira (médico, dirigente do PCB em Petrópolis); nº 3: Lincoln Cordeiro Oest (líder do partido, candidato a deputado federal); nº 4: Braulio Rodrigues (líder camponês e comunista); nº 5: João Sarmet (ferroviário e liderança comunista). A mulher ao lado da Felisberta é Azaléa Mendes de Souza (secretária do PCB).

Fonte: APERJ. Divisão de Ordem Política e Social (DOPS). Prontuário de Lincoln Cordeiro Oest.

Em paralelo à militância, Felisberta era mãe, esposa e professora. Em 1958, ela retomou o curso de Pedagogia e encontrou na Educação mais um espaço para engajar-se em sua luta incansável. Trabalhou no Instituto Clélia Nanci, onde aplicou a

experiência de autogoverno de Anton Makarenko [4] com as normalistas daquela instituição; no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), onde procurou formas de oferecer uma educação profissional de qualidade para jovens da classe trabalhadora; na Faculdade Notre Dame, no Rio de Janeiro, onde teceu amizades por toda a vida. Sem dúvida, por onde passava, Felis – uma abreviação do seu nome e, também, uma alcunha que resumia bem a sua natureza de espírito – transformava.

Em 1965, já com a ditadura instalada, Felisberta não pode assumir o concurso público que fizera, por ter se recusado a assinar o "atestado de ideologia" imposto pelos militares. Àquela altura, Felis via-se sozinha para sustentar a sua família e cuidar dos seus filhos, pois Manoel Jardim encontrava-se na clandestinidade desde que eclodira o golpe. Acionando a sua rede de apoio, Felisberta pode contar com a ajuda de parentes e mais tarde com Maria de Lourdes – sua "assistente" – e companheira de muitas horas. De qualquer maneira, fico imaginando o que Felis sentiu quando precisou ficar três meses confinada em um apartamento com a Valéria, à época recém-nascida, amamentando-a a todo tempo para ela não chorar e despertar a curiosidade dos vizinhos, que não podiam saber que ela estava ali.


84 - MANOEL LONGO
85 - MANOEL MARTINS
86 - MARIA FELISBERTA BITTENCOURT JARDIM
87 - MARIO MATEUS DE LOURDES
88 - MARIO PAULO DE MATOS
89 - MIGUEL BATISTA RATTES
90 - NAELSON CORRÊA GUIMARÃES
91 - NELSON DE OLIVEIRA
92 - NICOLAU ABRANTES
93 - NILO CANELA

No nº 86, consta o nome de Felisberta na listagem das pessoas convocadas a depor em 3/11/1965. **Projeto Brasil Nunca Mais 201 a 300**. Disponível em http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/docmulti.aspx?pesq=maria+felisberta&bib=bnm&pesquisa. Acesso em 20/11/2020**.**

A ditadura, e todas as cicatrizes profundas que ela deixou em muita gente militante e aguerrida, não poupou Felisberta e Manoel. Do afastamento em 1964 até a separação longamente gestada nos anos 1980, os encontros quando ocorriam, eram inevitavelmente permeados pelo medo, ainda que não ofuscassem a alegria do reencontro, sobretudo de um pai com os seus filhos, convivência aliás, sempre fortemente estimulada por Felisberta.

Em 1985, Felisberta ingressou como docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Lá, foi eleita por voto direto a exercer o cargo de diretora entre os anos de 1992 e 1995. Na academia, fez ainda especialização em Orientação Educacional e se tornou mestre em Educação. Procurando dar a sua

[4] Anton Makarenko (1888-1939) foi um educador russo que desenvolveu a experiência do autogoverno entre os jovens de uma colônia correcional de Gorki. Para saber mais sobre a vida de obra de Makarenko, ver: LUEDEMANN, 2002.

valiosa contribuição para a educação no município de Niterói, Felisberta ocupou o cargo de Secretária de Educação e Cultura, em 2002 e de Secretária Municipal de Educação e presidente da Fundação Municipal de Educação entre os anos de 2003 e 2004. Foi membro do Conselho Municipal de Educação entre os anos de 2005 e 2008, retornando em 2013, onde permaneceu como conselheira até a sua partida.

Em 13 de novembro, aos 91 anos, Felisberta nos deixou. Despediu-se desse mundo desajustado que tanto lutou para transformar. Lembro-me bem da última vez que nos encontramos. Eu estava grávida e realizamos uma longa entrevista sobre a sua trajetória, mas tivemos que interrompê-la no momento em que ela começava a falar sobre o impacto do suicídio de Vargas. Afinal, foram muitos os capítulos de sua longa história de lutas. Na ocasião, conversamos muito sobre feminismo e o quanto a maternidade também é um espaço de lutas (muitas vezes invisibilizada). Eu jamais esquecerei as suas falas, trago-as comigo, já fazem parte de mim.

Eu nunca tive a chance de finalizar a entrevista. Mas, me lembro que na ocasião, tive a chance de presenteá-la com essa foto, reproduzida no prontuário de Lincoln Cordeiro Oest[5], que se encontra no APERJ. Felisberta está no cantinho esquerdo, identificada pelo nº 1. Segundo a polícia política, Felisberta era uma "dirigente comunista feminina". É, Felis… a nossa luta é antiga e incomoda. Muito obrigada por conduzi-la tão bem. O que somos hoje, é o resultado direto da sua luta, companheira. Vá, na certeza que a sua semente germinou[6].

* **Luciana Pucu Wollmann** é doutora em História Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e professora do chão de escola pública.

Referências

AMARAL, Luciana Pucu Wollmann. *Niterói operário: trabalhadores, política e lutas sociais na antiga capital fluminense (1942-1964).* Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, 2016.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. *Anton Makarenko: vida e obra – a Pedagogia na revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

[5] Apontado como principal articulador do PCB no estado do Rio, Lincoln Cordeiro Oest dedicou sua vida a defender as causas do partido. Mesmo sendo um dos principais quadros do PCB, chegando a compor o seu Comitê Central, Oest acabou sendo afastado da direção do Comitê Regional do partido junto com Mauricio Grabois e Carlos Danielli, em fins dos anos 1950, por atitudes que foram consideradas contrárias à "linha pacífica" adotada pelo partido em 1958. Naquele momento, estava em vigor a "Declaração de Março de 1958", que buscava superar os postulados revolucionários estabelecidos pelo IV Congresso de 1954, indicando que a luta deveria ser direcionada em prol das reformas estruturais, das liberdades democráticas, do desenvolvimento nacional e da elevação de vida do povo. Assim como ocorreu com Carlos Danielli, Oest foi morto após sucessivas sessões de tortura nas dependências do DOI-CODI no ano de 1972.

[6] Agradeço às contribuições de Valéria Trindade Jardim que gentilmente me forneceu informações essenciais para a elaboração desse texto.

TRINDADE, Maria Felisberta. *Entrevista concedida à Judite Rodrigues Pucu*. Niterói, 28/5/2001 e 26/7/2001. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Niterói decreta luto de três dias pela morte da professora Maria Felisberta. *O Fluminense.* 14/11/2021. Acesso em: 28/11/2021.

Felisberta, uma mulher de luta. Disponível em: https://www.youtube.com/ watch?v=y-1RYNHKj_s&t=130s. Acesso em: 20/11/2021.

Acervos

APERJ. Divisão de Ordem Política e Social (DOPS).
BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital Brasileira
BRASIL NUNCA MAIS (BMN).

Publicado em: ***esquerda online*** em 29 de novembro de 2021 08h58.

Disponível em: https://esquerdaonline.com.br/2021/11/29/maria-felisberta-baptista-trindade-presente-niteroi/ Acesso 11 dez. 2021.

Homenagem da ANFOPE Sudeste a Felisberta Trindade: lutadora pela educação pública

A Profa. Maria Felisberta Baptista da Trindade, ontem, aos 91 anos, deixou esse plano da vida. Grande educadora, militante em defesa da educação pública, é exemplo que se perpetuará na história educacional de Niterói e do Brasil.
Entre muitas atuações, foi coordenadora da Anfope Sudeste durante vários anos.
Em nome das anfopeanas e dos anfopeanos do Sudeste registro a nossa admiração por Felisberta querida, que será, sempre, a nossa inspiração.
Muita luz!

ANFOPE Regional Sudeste

Mensagens de pesar de companheiras da ANFOPE

"As pessoas não morrem, ficam encantadas, a gente morre para provar que viveu". Com este verso de Guimarães Rosa quero destacar o legado da Profa. Felisberta, Felis, como a chamávamos carinhosamente na Anfope. Sempre pronta a assumir a regional sudeste em várias gestões, nas quais manteve acesa a chama da luta, em qualquer dos espaços que surgiam na democratização de nosso país, Felis deixa saudades, e uma perda já sentida, um aperto no coração para todas as pessoas que conviveram com ela. Felis prova que viveu e viverá sempre em nossos corações.

Helena de Freitas

Grande respeito e admiração pela querida Profa. Felisberta. Exemplo de mulher, profissional. Seu legado é fonte de inspiração para continuarmos a defender os princípios educacionais que nos unem. Felisberta viverá eternamente em nossas lembranças e nas demais gerações.

Malvina Tuttman

Grande e querida Felisberta.
Trago-a sempre presente em minha memória, desde as nossas lutas das Associações de Orientadores e Supervisores Educacionais ao lado da querida Bertha, na década de 1980. Sua consciência enquanto educadora e militante, aguçava nosso respeito e admiração. Mesmo já com dificuldades de caminhar, ainda se fazia presente em nossos eventos.
Parte uma ANFOPEANA, mas fica o legado de sua luta a qual continuaremos sem trégua. Gratidão.

Ana Rosa Peixoto Brito

Em nossa caminhada de luta temos a felicidade de conhecer e conviver com companheiras/os que são verdadeiras testemunhas de luta e de vida! Este é o caso da Professora Felisberta que nos deixou recentemente. Enviamos nossa singela homenagem à inesquecível companheira!

Silvana Bretas

Esta é uma linda e preciosa mensagem para a nossa querida Felisberta. Uma pessoa muito especial e uma Educadora de primeira grandeza! Ela deixa em cada um de nós muitas saudades. Ela ficará sempre presente em nossas lembranças

Maria de Fátima Barbosa Abdalla

Que notícia triste. Mas sua trajetória ficará marcada na história da Anfope.

Suzane Gonçalves

Condolências à Família de Felisberta. Companheira Anfopeana contribuiu muito com sua atuação em nossa Associação.

Iria Brzezinski

Felisberta foi uma mulher e anfopeana brilhante. Um grande exemplo. Presente sempre!!

Katia Curado

Que notícia triste! Grande lutadora. Sempre nas lutas da educação. Obrigada, Felisberta por aprender muito com você!

Rita Porto

Homenagem justíssima e merecida! Felis**,** sempre presente a nos inspirar!

Ana Maria Dantas Soares

Que o legado de luta de Felisberta nos sirva de alento e ponto de apoio. A LUTA cada dia mais árdua continua.

Celi Taffarel

NOTAS da MIDIA

A Tribuna: Niterói lamenta morte da professora emérita da UFF Maria Felisberta Trindade

A cidade de Niterói lamenta o falecimento, neste sábado (13), da professora emérita da UFF, Maria Felisberta Trindade. A docente, que tinha 91 anos, é uma das maiores referências em educação pública da história de Niterói e sempre lutou por uma educação pública de qualidade.

O prefeito de Niterói, Axel Grael, decretará luto oficial de três dias na cidade pela morte da Maria Felisberta.

A professora era graduada em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional e Mestre em Educação. Em 1985, ingressou na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde exerceu vários cargos, dentre eles, o de Diretora de 1992 a 1995.

No Executivo Municipal de Niterói ocupou os cargos de Secretária Municipal de Educação e Cultura (2002); Secretária Municipal de Educação e Presidente da Fundação Municipal de Educação (2003–2004); Coordenadora Geral de Planejamento e Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia e Membro Titular do Conselho Municipal de Educação de 2005 até 2008, retornando em 2013, onde atuava atualmente.

Durante sua trajetória profissional e de cidadania, a professora Felisberta recebeu diversas homenagens como militante na luta pelos Direitos das Mulheres e pela defesa da Educação Pública, se tornando uma referência não só em Niterói, mas em todo o Brasil nesses temas.

Em nota, a prefeitura de Niterói afirma que a professora deixou sua marca por onde passou e merece todas as homenagens que recebeu em vida, assim como as que receberá postumamente.

Nas redes sociais, várias autoridades lamentaram a morte da educadora. O prefeito Axel Grael publicou em sua conta no Instagram que recebeu “com muita tristeza a notícia do falecimento da querida professora Maria Felisberta Trindade. A professora emérita da UFF, deixa um legado rico à Educação de Niterói. Sua trajetória será lembrada eternamente pela luta por uma educação acessível para todos. Coração apertado. Vá em paz, grande amiga. Minhas condolências aos familiares e amigos”, conclui.

O deputado estadual Waldeck Carneiro também lamentou a perda da professora. “Tive a chance de me despedir dela, na luta, no dia 19 de setembro de 2021, em ato público de celebração ao centenário de Paulo Freire. Lutamos juntos, celebramos juntos, trabalhamos juntos, caminhamos juntos, sonhamos juntos. Defendemos juntos a democracia, o direito à educação e a escola pública! Aprendi demais com ela. Seu legado, sua obra e sua memória serão preservados. Eis um novo compromisso e uma nova frente de lutas que agora se abre. Niterói merece ter uma

escola pública com o seu nome! Descanse, guerreira!", finaliza o deputado em seu post nas redes sociais.

Marcelo Feitosa

Postado por Marcelo Feitosa em ***A Tribuna*** em 13 de novembro de 2021.

Disponível em: https://www.atribunarj.com.br/niteroi-lamenta-morte-da-profa-emerita-da-uff-maria-felisberta-trindade/ Acesso 15 nov. 2021.

Diário de Niterói: Morre a professora Maria Felisberta

A professora Maria Felisberta Trindade morreu, neste sábado (13), aos 91 anos. O prefeito de Niterói, Axel Grael, decretou luto oficial de três dias na cidade pela morte da educadora.

Graduada em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional e Mestre em Educação, Felisberta ingressou na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em 1985, onde exerceu vários cargos, dentre eles, o de Diretora de 1992 a 1995. Na Prefeitura de Niterói ocupou os cargos de Secretária Municipal de Educação e Cultura (2002); Secretária Municipal de Educação e Presidente da Fundação Municipal de Educação (2003–2004); Coordenadora Geral de Planejamento e Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia e Membro Titular do Conselho Municipal de Educação de 2005 até 2008, retornando em 2013, onde ainda atuava.

Durante sua trajetória profissional e de cidadania, a professora Felisberta recebeu diversas homenagens como militante na luta pelos Direitos das Mulheres e pela defesa da Escola pública. Foi pioneira do Partido Comunista em Niterói e militante das lutas sociais, como uma educação pública de qualidade e a luta contra o regime ditatorial do Brasil, entre 1964 e 1985.

Nas redes sociais, amigos e admiradores manifestaram o pesar pela perda de Feliz, como era carinhosamente chamada.

O prefeito de Niterói, Axel Grael, declarou que Maria Felisberta deixa um legado rico à Educação de Niterói. "Sua trajetória será lembrada eternamente pela luta por uma educação acessível para todos."

O deputado estadual, Waldeck Carneiro disse que aprendeu demais com ela. " Seu legado, sua obra e sua memória serão preservados. Eis um novo compromisso e uma nova frente de lutas que agora se abre. Niterói merece ter uma escola pública com o seu nome! Descanse, guerreira!"

Publicado no **Diário de Niterói** em 14 de novembro de 2021

Disponível em: https://www.diariodeniteroi.com.br/morre-a-professora-maria-felisberta/ Acesso 15 nov. 2021.

Jornal da Cidade: Niterói decreta luto de três dias pela morte da professora Maria Felisberta

A Prefeitura de Niterói, lamenta o falecimento, neste sábado (dia 13/11) da professora Maria Felisberta Trindade, aos 91 anos. Professora emérita da UFF, Maria Felisberta sempre lutou por uma educação pública de qualidade. O prefeito de Niterói, Axel Grael, vai decretar luto oficial de três dias na cidade pela morte da Maria Felisberta.

Felisberta era graduada em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional e Mestre em Educação. Em 1985, ingressou na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde exerceu vários cargos, dentre eles, o de Diretora de 1992 a 1995. No Executivo Municipal de Niterói ocupou os cargos de Secretária Municipal de Educação e Cultura (2002); Secretária Municipal de Educação e Presidente da Fundação Municipal de Educação (2003–2004); Coordenadora Geral de Planejamento e Presidente do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia e Membro Titular do Conselho Municipal de Educação de 2005 até 2008, retornando em 2013, onde ainda atuava. Durante sua trajetória profissional e de cidadania, a professora Felisberta recebeu diversas homenagens como militante na luta pelos Direitos das Mulheres e pela defesa da Escola pública. Foi pioneira do Partido Comunista em Niterói e militante das lutas sociais, como uma educação pública de qualidade e a luta contra o regime ditatorial do Brasil, entre 1964 e 1985.

Uma guerreira

Felisberta Trindade foi uma referência como educadora e gestora e uma aguerrida militante das lutas sociais, em defesa de uma educação pública de qualidade e pelos direitos da mulher.

Por suas posições, por sua coerência, sua grandeza de mulher, por sua luta contra as injustiças sociais, foi presa, torturada, pela ditadura militar.

O país, o estado, Niterói e a educação perdem uma das mais importantes educadoras e uma mulher exemplo, destemida e guerreira.

Mário Sousa

Postado por Mário Sousa em ***Jornal da Cidade*** em 14 de novembro de 2021.

Disponível em: https://jcniteroi.com.br/2021/11/14/niteroi-decreta-luto-de-tres-dias-pela-morte-da-professora-maria-felisberta/ Acesso 15 nov. 2021.

O São Gonçalo: Niterói decreta luto de três dias pela morte da professora Maria Felisberta

A Prefeitura de Niterói, lamenta o falecimento, neste sábado (13), da professora Maria Felisberta Trindade, aos 91 anos.

Professora emérita da UFF, Maria Felisberta sempre lutou por uma educação pública de qualidade.
O prefeito de Niterói, Axel Grael, vai decretar luto oficial de três dias na cidade pela morte da Maria Felisberta. [...]
Imortalizada no documentário "Felisberta, uma mulher de luta", seu legado à Educação de Niterói é inegável e sua ausência será sentida por cada um que com ela compartilhou sua bonita jornada.

Publicado em ***O São Gonçalo*** em 14 de novembro de 2021.

Disponível em: https://www.osaogoncalo.com.br/geral/114632/niteroi-decreta-luto-de-tres-dias-pela-morte-da-professora-maria-felisberta Acesso 15 nov. 2021.

Filme sobre vida de Felisberta é também declaração de amor da neta à mulher 'de caráter grandioso'

O filme "Felisberta, Uma Mulher de Luta" é, além de uma justa homenagem à professora emérita da Universidade Federal Fluminense, também uma declaração de amor da jovem diretora Maíra Jardim, sua neta, que diz isso com todas as letras quase ao final do documentário.

"Devo muito ao caráter grandioso que ela tem. Amo muito minha avó, um filme é muito pouco para agradecer o que ela faz por mim, as conversas, os ensinamentos, as histórias", diz a cineasta, num momento em que acrescenta o seu depoimento ao conjunto dos relatos de amigos, colegas e familiares, além das próprias recordações da docente. Maíra Jardim, que desde os 17 anos gravava conversas com a avó, ressalta, mais adiante, que faria o documentário independente de parentescos familiares, diante da importância de preservar a história de uma militante política que considera extraordinária.

O documentário ganhou novos olhares em meio às muitas mensagens que lamentaram o falecimento e homenagearam a professora Maria Felisberta Baptista da Trindade, da Faculdade de Educação da UFF, ocorrido no sábado, dia 13 de novembro de 2021. A Prefeitura de Niterói decretou luto oficial de três dias.

Em novembro de 2016, o documentário foi exibido nos pilotis do Bloco A, do campus Gragoatá, em Niterói, numa atividade do movimento *Ocupa UFF* para a qual Felisberta foi convidada a falar com os estudantes.

Na película, ela cita Paulo Freire para expressar sua confiança na construção de um mundo melhor. "Há uma frase dele que eu tornei uma frase minha, roubei, no bom sentido. O que caracteriza o ser humano não é a desesperança, a desesperança pode ser momentânea. O que caracteriza o ser humano no seu dia a dia é a esperança que possamos alcançar um mundo muito mais justo e mais humano", constata.

Por Hélcio Lourenço Filho
DA REDAÇÃO DA ADUFF

FILMOGRAFIA

- ***Felisberta - Uma mulher de luta***
  Direção: Maira Jardim
  Roteiro: Valéria Jardim
  119minutos.
  Publicado no YouTube em 20 dez. 2012

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=y-1RYNHKj_s

- ***Pulando a Cerca com Maria Felisberta Baptista da Trindade.***

  Unitevê - TV Universitária da UFF
  Apresentação: Daniel Chutorianscy. Edição de 18/03/2011.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DP1YaBujyA0

Nossos agradecimentos a todos os que colaboraram com esta Homenagem.

Maria Felisberta Baptista da Trindade, presente!

Maria, Maria, possui a estranha mania de ter fé na vida!

Nossa gratidão!

Saudades!

***

Edição e editoração: Lucília Augusta Lino

*****